

O GRITO

boletim da comissão de solidariedade aos presos políticos portugueses •

SETEMBRO 1970

Nº 9



TRABALHADORES PORTUGUESES DESFILANDO EM PARIS NO 1º DE MAIO DE 1970

FESTA DO «HUMANITÉ»

FESTA DO POVO TRABALHADOR FRANCÊS
FESTA DE SOLIDARIEDADE

Este número do "GRITO" sai por ocasião da grande festa do jornal "L'HUMANITE", do Partido Comunista Francês. É a maior festa em França, reunindo cada ano cerca de meio milhão de pessoas. Trabalhadores da região parisiense e doutras regiões do país vêm confraternizar entre si e ao mesmo tempo apoiar o jornal que diariamente defende os seus direitos e reivindicações.

Como todos os anos, eles vão à festa, não só para se divertir, comer e beber no restau-
(cont. pág. 3)

PENICHE, PRISÃO DE EXCEPÇÃO

PROTESTARAM AS FAMÍLIAS DOS PRESOS POLÍTICOS

Recentemente as famílias dos presos políticos detidos no forte de Peniche dirigiram ao ditador Caetano um protesto contra o regime prisional desumano que domina naquela cadeia, considerada "de exceção".

A intranquilidade dos familiares dos presos políticos é perfeitamente justa, porque Peniche, como aliás outras prisões fascistas, sendo uma ameaça latente para todos os portugueses que amam a liberdade é um desafio à consciência de todas as pessoas honestas é também um motivo de permanente angústia para
(cont. pág. 6)

CONFERÊNCIA DE ROMA

Realizou-se nos dias 27, 28 e 29 de Junho, em Roma, a Conferência de apoio à luta dos povos sob a dominação colonial portuguesa.

Participaram nesta conferência numerosas organizações políticas e sindicais de diversos países. Portugal esteve também representado, cumprindo assim o seu dever de solidariedade para com os povos irmãos das colónias portuguesas.

A realização desta conferência marca um importante passo em frente na luta dos povos das colónias. Contribuindo para uma maior informação da opinião pública mundial sobre a realidade da guerra colonial, para o estudo de formas de solidariedade activa dos diversos países e organizações, para a unidade de todas as forças que lutam contra a dominação colonial portuguesa.

Entretanto, outro facto tem interesse, pois de certo modo veio dar também o seu contributo à luta dos povos das colónias. A audiência do papa Paulo VI, concedida aos dirigentes dos três movimentos de libertação das colónias portuguesas: Amílcar Cabral, do PAIGC; Agostinho Neto, do MPLA e Marcelino dos Santos da FRELIMO.

As autoridades fascistas tentaram subestimar a importância deste acontecimento dizendo que a audiência tinha tido um aspecto muito "privado", com carácter meramente "espiritual". No entanto, para além de toda a histeria do palavreado fascista, sobrevive a importância do acontecimento. Hoje muitos sectores católicos tomam posição contra a guerra colonial, solidarizam-se com os Movimentos de Libertação das Colónias e com todos os que em Portugal, como noutros países, lutam contra o colonialismo, contra o regime fascista português.

Pouco a pouco, o fascismo vai perdendo terreno; o campo da especulação demagógica torna-se cada vez mais estreito; perto vem o dia em que cairá definitivamente na rua.

A libertação das colónias é parte integrante da Luta pela Libertação do Povo Português. A solidariedade entre o Povo português e os Povos das colónias deve ser estreita e activa.

AMNISTIA!

«NATAL DOS PRESOS POLÍTICOS»

no início de uma nova campanha

Um dos aspectos da luta contra a repressão fascista é sem dúvida a solidariedade material tão necessária aos presos políticos e às suas famílias. Muitos patriotas arrancados das prisões pela constante pressão das campanhas de amnistia, têm de pagar com uma caução elevada a sua liberdade. Muitas famílias perdem com o encarceramento de um dos seus membros um sustentáculo essencial à sua existência.

Por isso, como em anos precedentes, a Comissão de Solidariedade aos Presos Políticos vai empenhar-se em lançar mais uma campanha de Natal. Em princípios de Novembro, dirigir-se-á a muitos amigos dos presos políticos, a muitos democratas, em vários países, a fim de reunir o máximo de fundos, destinados a combater as injustiças que o fascismo português ocasiona no seio de tantos lares. A recolha de fundos será pois, em primeiro lugar, uma contribuição directa nesse sentido. Mas ela não deixará de ter um significado político mais amplo. O seu êxito será um factor moral importante, nos duros combates que é preciso travar, no país, para se acabar com o mal pela raiz.

Desde já apelamos para todos aqueles que compreendem a causa dos presos políticos e a causa do povo português para que não percam de vista esta tarefa futura. A sua plena execução depende muito da iniciativa e do entusiasmo que todos os nossos amigos lhe dedicarem. A Comissão de Solidariedade está à disposição de todos neste trabalho.

Por outro lado, podemos desde já informar que ela realizará, possivelmente no dia 26 de Dezembro, à noite, em local a indicar oportunamente uma grande festa de fim de ano, cujo lucro se integrará inteiramente na anunciada campanha.

RÁDIO

A VOZ DA LIBERDADE

AS SEGUNDAS, QUARTAS E SABADOS :
A partir das 01, 15 (uma hora e um quarto), em ondas curtas em 25, 31 e 49 metros e em ondas médias em 230, 320 e 550 metros.
Aos sabados só em ondas curtas.

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

TODOS OS DIAS

Das 8 às 8.30 em 19 metros; das 20 às 22 h. em 25 metros; e das 0,26 às 0,50 em 26,32 e 36 metros.

O PROBLEMA DOS PRESOS POLÍTICOS É UM PROBLEMA DE TODOS!

É assim que a COMISSÃO NACIONAL DE SOCORRO AOS PRESOS POLÍTICOS, criada em Portugal em 31 de Dezembro do ano passado, termina o seu primeiro comunicado ao país, o qual é um apelo a todos os "portugueses responsáveis e conscientes" para que, "fazendo convergir para a comissão elementos informativos e meios de auxílio, colaborando nas tarefas das comissões especializadas e constituindo núcleos regionais e locais de apoio", "secundem, apoiem e multipliquem" o trabalho pelos seguintes objectivos:

- 1.- "Chamar a atenção do governo e do país para os graves problemas ligados à situação dos presos políticos em Portugal, focando, com base em factos incontroversos, as flagrantes e repetidas injustiças cometidas à sombra da legislação aplicável aos presos políticos.
- 2.- Proclamar a necessidade de se pôr cobro a essa situação, por forma a tornar realidade as medidas de protecção dos indivíduos e a libertação dos presos políticos, fazendo apelo aos sentimentos de solidariedade e à responsabilidade de todos os cidadãos.
- 3.- Auxiliar por todas as formas legais os presos e suas famílias, de modo que sejam minorados, através de uma acção solidária, os sofrimentos morais e materiais causados por uma legislação injusta e agravada por um tratamento desumano."

Logo após a sua constituição, a Comissão Nacional de Socorro comunicou ao ditador português a sua existência e finalidade, lembrou ao governo a responsabilidade que ele assume em tão grave situação e reclamou a abolição das "medidas de segurança", a realização de um inquérito às condições de vida dos presos políticos, a sua "libertação ... e ... reintegração na vida da comunidade nacional, como reparação devida às vítimas de uma legislação injusta e condição prévia e indispensável para o saneamento da vida política do país."

Do mesmo comunicado ressalta a contradição entre as palavras e os actos de Caetano que por um lado anunciara, há já quase 2 anos, querer a "convivência entre todos os portugueses", sem que no entanto fossem revogadas "as leis de excepção da PIDE (agora DGS) e dos

(cont. pág. 4)

«HUMANITE» (cont. da pág. 1)

rante da sua região natal, aplaudir artistas que se associam à festa, mas também para prestar solidariedade ao glorioso povo do Vietname e dos outros países da Indochina que o colosso militar do imperialismo americano não consegue submeter à sua lei da selva; para prestar solidariedade aos militantes democráticos e comunistas dos países fascistas ou dominados por ditaduras militares e reaccionárias de todo o mundo; para prestar homenagem aos governos e partidos dos Estados socialistas pela sua contribuição decisiva à defesa da Paz e da Democracia e à luta pela libertação dos povos coloniais. Este ano, os trabalhadores franceses e os seus amigos de todas as nações que irão à festa lembrarão ainda o fundador do primeiro Estado socialista, o grandioso revolucionário russo Vladimiro Lénine, assim como o grande dirigente operário francês Maurice Thorez.

O "GRITO" saúda a festa do "HUMANITE", os seus organizadores e os muitos milhares de participantes. Editado pela comissão de solidariedade aos presos políticos portugueses, o "GRITO" estará presente na festa do "HUMANITE" para esclarecer sobre a situação nas prisões fascistas de Portugal, para procurar da parte dos participantes nessa festa uma solidariedade activa para com aqueles que sofrem nas prisões políticas portuguesas.

É que nessas prisões há mesmo vidas em perigo: Pires Jorge, José Carlos, Blanqui Teixeira, Octávio Pato e José Magro, estão num estado quase desesperado. Lutar pela sua libertação imediata é dever de todos os portugueses mas é também uma acção possível e necessária aos democratas franceses. Na festa, o "GRITO" estará instalado no stand dos democratas portugueses e fará circular um abaixo-assinado em defesa da libertação daqueles 5 patriotas, única possibilidade de os salvar da morte a que os vota o fascismo.

Portugueses e franceses assinarão lado a lado esse texto e a solidariedade não será uma palavra vã. Mas nós apelamos mais: que todos enviem protestos, telegramas e assinaturas aos representantes diplomáticos de Portugal em cada cidade francesa, assim como ao Presidente da República, ao Presidente do Conselho, ao ministro da Justiça, contra a prisão dos democratas e as torturas infligidas pela PIDE, contra as "medidas de segurança", pela amnistia de todos os presos e exilados políticos portugueses.

RECORDAÇÕES DO CAMPO DA MORTE LENTA

GABRIEL PEDRO fala do TARRAFAL

UM PROBLEMA DE TODOS (cont. da p.3)

tribunais especiais", sem que proclamasse uma "amnistia total para os presos e detidos políticos" e sem que se corrigissem sequer "situações clamorosas que correspondem na prática à destruição física e moral dos presos políticos."

A Comissão Nacional de Socorro tem procurado informar os portugueses sobre as violências de que, durante a instrução preparatória, durante os processos e nas cadeias políticas, continuam a ser vítimas "muitos dos que têm dado o melhor da sua vida, lutando não por interesse pessoal, mas por aquilo que consideram o progresso e o bem da colectividade a que pertencem". Ela tem também informado sobre as libertações que a pressão da opinião pública tem já conseguido das autoridades fascistas.

A Comissão lembra também que "todo o pessoal, todo o material e munições que à PIDE pertenciam" foram transferidas "em globo" para a DGS, mantendo-se também em vigor "toda a legislação que regulamentava aquela polícia."

Sigamos todos o exemplo da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos ! Mobilizemos todos os cidadãos responsáveis, todas as pessoas honestas, para a acção solidária a favor dos presos políticos !

Do silêncio das prisões ergue-se o grito de muitos patriotas ! O Povo Português ouve e sente o seu clamor :

Exijamos AMNISTIA TOTAL !

É difícil falar com Gabriel Pedro sem que a imagem do campo de concentração do Tarrafal não apareça medonha, trágica, símbolo de morte na longa noite assassina do fascismo português. Por isso o GRITO procurou G. Pedro para nos falar do Tarrafal, esse monstruoso campo que depois de matar e torturar tantas dezenas de patriotas portugueses, tortura agora centenas de patriotas africanos presos nas colónias que o fascismo oprime em África.

Ouvimo-lo durante horas mas muitas outras poderíamos ter passado na sua companhia. É difícil transcrever tudo quanto ouvimos sobre os crimes e brutalidades dos fascistas. Assim resolvemos relatar apenas um episódio da vida do Campo, em seguida a uma tentativa de fuga falhada.

Surpreendidos na fuga, os presos voltaram correndo para as barracas de lona em que habitavam. As metralhadoras atiravam para o ar, "mas nós não sabíamos se trabalhavam para o ar ou não ... e agora vejam lá como é que com paredes de lona nos podíamos defender das rajadas de metralhadora". Os presos cosiam-se com o chão. "Havia uns estrados em cada barraca com o espaço de 30 cm entre o chão. Muitos começaram a estender-se debaixo do estrado, para ver se as rajadas não os atingiam".

Passado tempo, metralhadoras apontadas sobre todos os presos formados, fizeram a chamada "e levaram 21 homens, entre eles eu, para o "segredo", a chamada "frigideira". Esta era dividida em dois compartimentos com uma parede de cimento ao meio: Cada compartimento media 2,5 m por 4 m. Puseram dez presos num lado e onze no outro. A nossa situação dentro da "frigideira" era insuportável, por esta razão: chovia dentro, porque o calor era abrazador e a única respiração que havia para 10 homens era através duma chapa duma porta de navio que foi aplicada ao cimento e que tinha dois furos de dois rebites. O calor era tanto que nós estávamos completamente banhados em suor. A água corria-nos pelo corpo abaixo e aquele suor que se evaporava concentrava-se no tecto e então, conforme subia e se concentrava caía sobre nós como chuva de nevoeiro".

"Não tínhamos bancos nem camas; a única solução para deitar era dobrar o chapéu de palha em quatro dobras e estendermo-nos por cima do cimento, com o corpo quase nú".

"Ao fim de 10 dias, um amigo do compartimento ao lado começou a largar a pele. A hora de comer reclamávamos médico para ele ver o estado em que nos encontrávamos".

O GRITO

NOTICIÁRIO

suplemento

LISBOA - No decorrer do passado mês de Março foram "julgados" pelo Tribunal Plenário de Lisboa, Ricardo Horta, Manuel Pedro, Angelo Veloso e Cabral de Matos. Presos cerca de um ano antes deste "juízo", estes quatro democratas denunciaram em plena audiência, as torturas e os espancamentos brutais administrados quase continuamente pelos agentes da Direcção Geral de Segurança (PIDE).

LISBOA - No dia 12 de Maio, foi lida a sentença do Tribunal Plenário da Boa-Hora, respeitante ao julgamento de João Pulido Valente, Rui Manuel d'Espiney e Francisco Martins Rodrigues. Mais uma vez o regime fascista mostrou todo o seu carácter repressivo: 15, 19 e 20 anos de prisão maior, além das tão tristemente conhecidas "medidas de segurança", no presente caso, prorrogáveis indefinidamente. A brutalidade destas condenações deve servir de lição para todos os que continuam a acreditar no mito da liberalização e na possibilidade de resolução pacífica do problema português.

Ontem com Salazar, hoje com M. Caetano, continua o mesmo carácter anti-popular, anti-democrático e repressivo, mostrando bem a todos os que duvidam, que o fascismo só cairá ante a força do Povo em armas.

Pulido Valente havia sido preso em Dezembro de 1965, Martins Rodrigues em Janeiro e Rui d'Espiney em Fevereiro de 66, tendo sido condenados em Junho de 68 por um tribunal "não político" a 2, 15 e 14 anos de prisão. Durante os 52 meses de "prisão preventiva" sofreram as mais diversas torturas nas masmorras da PIDE.

BARREIRO - Nos dias que seguiram as violentas manifestações populares e operárias que assinalaram a comemoração do 1º de Maio nesta vila, PIDE e GNR ocupando o Barreiro, provocando os habitantes prosseguiram a "roda-viva" repressiva que vinha

desde o início dos incidentes.

Na noite de 3 para 4 de Maio, forças da GNR sob a chefia do sargento Reis efectuaram 20 prisões, sendo depois os presos espancados violentamente, sempre sob o comando do sargento Reis.

Na madrugada do mesmo dia 3 é a PIDE (DGS) que efectua uma série de prisões a domicílio, irrompendo de pistola em punho pela morada de diversos democratas barreirenses, entre os quais se conta o ex-candidato a deputado pelo distrito de Setúbal, Alvaro Monteiro e o ferroviário José Jordão.

PORTO - Em telegrama enviado ao governador civil do Porto membros da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos denunciam os abusos de que são vítimas os democratas aprisionados durante os incidentes do Barreiro.

Na verdade sabe-se que Alfredo de Matos sofreu a tortura do sono e espancamentos frequentes bem como Staline de Jesus que foi também torturado, este último que se encontrava em regime de incomunicabilidade teve de ser metido numa cela com outro companheiro, depois de uma grande crise de epilepsia.

Alvaro Monteiro (ex-candidato a deputado) vítima de brutalidades diversas teria sido operado de urgência a um ouvido, segundo a recomendação de um especialista dos hospitais civis de Lisboa que o observara.

Alfredo de Matos e Zacarias Fernandes também do Barreiro sofrem também de graves problemas de saúde, com complicações pulmonares o primeiro e cardíacas o segundo.

No Porto para onde estes patriotas foram transferidos para uma breve "estadia" na PIDE desta cidade, voltando depois à PIDE de Lisboa, gerou-se um forte movimento de solidariedade.

COIMBRA - Dezenas de feridos marcaram a data de 9 de maio quando as forças da P.S.P. investiram contra os estudantes agrupados junto ao teatro

Gil Vicente.

A atestar da intenção e das disposições criminosas das "forças da ordem" que dispararam, matraquearam, lançaram gases lacrimogéneos: muitos feridos entre os quais o jovem Fernando Seíça em perigo de vida.

■ Durante os meses de Maio e Junho verificou-se uma onda de prisões políticas por períodos pequenos, com que foram tocadas dezenas de democratas em todo o país. Dos que se encontram já em liberdade: arq. Nuno Teotónio Pereira, dr. Salgado Zenha, Manuel Cabanas (Barreiro) José Cunha (Alhos Vedros), cónego Abílio Tavares Cardoso (Cascais), Cerqueira (Odivelas), José Gouveia (Loures), Manuel Mendes Mourão, José Jordão (Barreiro), Fernando do Carmo Libório (Barreiro), Adolfo Neves (Porto) Pedro Cabral (Porto), dra. Isabel do Carmo (Lisboa), padre Felicidade Alves (Lisboa), tendo uns saído em liberdade após vários interrogatórios, outros sob caução.

■ No dia 4 de Junho, foram condenados pelo Tribunal Plenário de Lisboa António José Baltazar Condeço, de 20 anos, operário de Almada e José Pires Casado, de 59 anos, agricultor, de Portalegre, ultimamente residente em Paris. Ao primeiro foi atribuída uma pena de 22 meses de prisão correcional e ao segundo 14 meses de prisão correcional com pena suspensa por 4 anos. Ambos foram privados de direitos políticos por 2 anos (!)

No decorrer do julgamento, Pires Casado e José Condeço, denunciaram as torturas e espancamentos a que foram submetidos pela PIDE (DGS)

■ No dia 23 de Junho o Tribunal Plenário de Lisboa condenou Veríssimo da Silva Borges, estudante, de Ponta Delgada, Maria da Graça Marques Pinto, estudante de Direido em Lisboa e natural de Moçambique, José Magalhães Rodrigues, funcionário da Junta de Colonização Interna, de S. Miguel. Todos eram acusados de distribuição de propaganda política referente à festa mundial do trabalho do 1º de Maio

Veríssimo Borges e Magalhães Rodrigues foram espancados pela PIDE (DGS).

■ Em Lisboa, a Cooperativa Universitária de livros -Livrelco- foi assaltada por agentes da PIDE (DGS), muitos livros foram apreendidos.

AINDA O TARRAFAL...

LUANDA - Os setenta angolanos presos em Luanda durante os meses de Outubro e Novembro de 1969 e de quem só agora se conhece o paradeiro, encontram-se repartidos por diversos campos de concentração à excepção dos dois únicos brancos que faziam parte deste grupo: António Ferreira Neto, médico, e Rui Ramos, estudante. Estes trazidos para Lisboa foram acusados de actividades contra a segurança do estado, pelo que lhes foi aberto um processo de carácter político.

Todos os outros, patriotas angolanos negros, foram objecto de uma medida administrativa de internamento, entre 15 a 20 anos. Uma parte deles encontra-se no tristemente célebre campo de concentração do Tarrafal no arquipélago de Cabo Verde (ver artigo pg. 4 e 5) agora denominado campo do Chão Bom (!), estando outra parte no campo de concentração de S. Nicolau, em pleno deserto de Moçâmedes, em Angola.

Salienta-se a ausência de qualquer processo penal nestes casos, ou seja, a não intervenção de qualquer tribunal na apreciação dos factos, o que leva a que as pessoas cumpram medidas de internamento, com carácter exclusivamente administrativo, mas que são, de facto, verdadeiras penas maiores aplicadas sem passar pelos tribunais. Estas medidas são aplicadas pelo Governo Geral, sob informação da PIDE ou das autoridades administrativas.

Milhares de patriotas africanos vítimas de tais arbitrariedades, encontram-se sob regimes duríssimos nos campos de concentração de Missombo (nas chamadas Terras do Fim do mundo), na baía dos Tigres etc..

Só o campo de S. Nicolau, que acima referimos, conta, actualmente com 2.900 prisioneiros.

Finalmente foram retirados da "frigideira". Em contacto com os outros presos souberam então que aqueles que não tinham ido para o "segredo" tinham sido chamados à secretaria para interrogatórios sobre a responsabilidade da fuga; diariamente apanhavam "cargas de porrada até as costas ficarem totalmente negras". Mas ninguém falou.

Agora que todos estavam juntos de novo, começava uma nova e terrível tortura: "Aplicaram-nos uma pá e uma picareta nas mãos e mandaram-nos abrir uma vala em forma de V com 4 m de fundura, 2 m de largura na base e 6 m na boca. Não estávamos habituados àquele clima e, para trabalhar tínhamos que estar com o tronco nú, expostos àquele sol tropical. E exigiam de nós um ritmo de trabalho bem acelerado, o que, como é bom de ver, ao fim de 5 dias, de 175 homens, 150 estavam de cama. Não havia o mais elementar medicamento para sermos tratados".

"Os presos, quando estavam doentes, ficavam nas suas barracas. Havia barracas onde não havia um só homem em pé, e eles eram 12 por barraca. Homens doentes e homens bons juntos, já tinham montado uma barraca de madeira a que chamavam "enfermaria", mas também lá não havia medicamentos nenhuns".

Os 25 homens que resistiam às febres, como única perspectiva para aliviar os 150 que estavam de cama, tinham água que ferviam e davam clistères de água quente. Esta tarefa era dificultada porque havia um racionamento de lenha e a água tínhamos que a ir buscar em latas de 20 litros a 2 Km de distância do acampamento, com um arame agarrado às costas. Para conseguirmos ferver a água íamos roubar lenha de noite. Mas pouco a pouco as mortes começaram: um, depois outro, sete morreram. Eu tinha lá um filho com 16 anos, que tinha ido para lá com 15 (1); encontrava-se numa barraca onde todos estavam doentes, entre eles o meu filho. Morreu um camarada na minha barraca e eu pedi autorização aos camaradas da organização prisional clandestina para deixarem o meu filho mudar para ao pé de mim. Os camaradas acederam. Fui buscá-lo à barraca onde se encontrava e a primeira coisa que lhe disse foi: Olha já morreram 7. É preciso fazeres um esforço sobre-humano para que não morras!"

"Foi um medicamento psicológico tão grande que o meu filho, ao fim de dois dias já andava a pé".

"Os 25 homens foram insuficientes para socorrer os camaradas doentes, mas mercê de um esforço heróico, evitaram que morressem mais

que os 7"(2),. Mas quase todos ficaram sofrendo do paludismo. Muitos vieram a morrer anos mais tarde, das consequências dessa e doutras doenças contraídas no Tarrafal.

G. Pedro ainda tentou fugir mais tarde, com 4 camaradas. Mas também a sua fuga fracassou, se bem que tivesse conseguido ainda fazer-se ao largo num barquinho de pesca. Resultado: "Quando chegámos ao acampamento fomos conduzidos à secretaria, onde eu disse que a pancada que iam dar ma dessem toda a mim pois eu é que tinha tudo preparado e instigado os camaradas. A resposta que me deram foi: A porrada vai ser tanta que dá para todos e ainda sobra muita porrada".

"Na verdade foi terrível. A um rapaz da Caris deram-lhe tanta porrada que morreu com os rins esmagados! E aos 4 sobreviventes desta pancadaria, depois de nos terem deixado as costas em péssimo estado, aplicaram 70 dias de "frigideira"!

G. Pedro a tudo resistiu, por isso recebeu o título de "herói da frigideira": Mas é sempre o mesmo homem simples e sempre o mesmo espírito de luta. Apesar de todos os maus momentos da sua existência a sua certeza dos dias melhores para o povo português vai de par com a sua jovialidade. Tivemos um novo exemplo na nossa conversa. Um de nós perguntou-lhe: mas então com as fugas perderam todas as regalias? Resposta de G. Pedro: "Quando se fala em regalias, é melhor estar calado, porque não havia regalias nenhuma. A única regalia que havia era o comandante do Campo receber as encomendas que a família nos mandava. Então, abria a cantina e vendia-nos as encomendas!"

(1) - Safu de lá com 27 anos!

(2) - A organização prisional clandestina atribuiu a G. Pedro um louvor pela dedicação que nessa ocasião prestou à vida dos seus camaradas.

divulga 'O GRITO' entre
os teus amigos!

PENICHE

(cont. da pág. 1)

aqueles que aí têm os seus entes queridos.

Na verdade, o dia a dia dos presos políticos é um verdadeiro suplício motivado não só pelo rigor da disciplina, pelos castigos - incommunicabilidade, espancamentos, torturas - pelos interrogatórios, pelo convite à denúncia, pelas ameaças e pelas restrições de toda a ordem mas sobretudo pela recusa das mais elementares condições de vida. É de sublinhar aqui a deficiência da alimentação e a falta do tratamento necessário ao restabelecimento da saúde, forçosamente abalada pelos maus tratamentos, pela incúria de médicos-polícias, pelo clima de intimidação, de mentira e de provocação, durante longos anos de encarceramento, longos anos de sofrimentos tanto materiais como morais.

A separação da família, a impossibilidade de lhe prestar o socorro de que ela tantas vezes necessita, as restrições às visitas e as condições insuportáveis em que estas se verificam tornam ainda mais dura a "vida" dos patriotas presos. Nem sequer se lhes permite ler os livros, revistas ou jornais de que qualquer outro cidadão português se pode todavia servir. Para os presos políticos há uma segunda censura !

Em Portugal, aos homens honestos, aos mais desinteressados e convictos defensores do bem dos portugueses reservam-se-lhes prisões de excepção ! Num país onde os direitos dos cidadãos, na generalidade, já são tão espezinhados, onde a polícia política já actua segundo leis especiais e onde a instrução dos processos políticos já decorre segundo leis do mesmo tipo, é por certo bem difícil conceber a que ponto é ultrajado o ser humano ao ser alvejado com mais esta "excepção". Mas a realidade nega o inconcebível.

É assim que os fascistas entendem o tão apregoado "apaziguamento da família portuguesa". É rejeitando os autênticos patriotas, os porta-vozes dos anseios populares, os torturados que Caetano pratica a "tolerância". O que porém é grave não é a hipocrisia de um regime que o povo português já conhece demasiado bem. Grave é o verdadeiro desígnio dum governo que prossegue a execução da ideia funesta de liquidar lentamente os presos políticos. O alarmante estado de saúde de PIRES JORGE, OCTÁVIO PATO, BLANQUI TEIXEIRA, JOSÉ MAGRO, JOÃO HONRADO, JOSÉ CARLOS, DOMINGOS ABRANTES e muitos outros é disso prova.

Para conseguir tal fim o ditador não hesita em continuar a recorrer à arbitrariedade

monstra que são as chamadas "medidas de segurança", prolongando assim indefinidamente o tempo de prisão, após o cumprimento da pena.

Os familiares dos presos políticos conhecem bem o verdadeiro sentido da discriminação de que estes são alvo. Daí o seu protesto que é ao mesmo tempo um testemunho vivo do seu próprio tormento.

Defender aqueles que pela sua dedicação à causa do povo, pela sua firmeza, pela convicção inquebrantável da justeza das suas ideias e pelo seu comportamento consequente se colocaram na vanguarda da luta pelo pão e pela democracia é sem dúvida uma acção justa. Por isso, o povo português, longe de esquecer Peniche e outras prisões fascistas, longe de aceitar a discriminação, respeita, admira e continuará a defender as vidas preciosas das vítimas da repressão.

Mas é preciso não perder tempo. Cada dia de prisão não é apenas um dia roubado ao trabalho criador, não é apenas um dia roubado ao convívio com a família e com os amigos, é sobretudo um dia à disposição dos assassinos que lentamente inutilizam seres humanos, cidadãos, gente do povo.

Há muito que os presos políticos ganharam a simpatia do povo português. Mas é preciso mais. É necessário exteriorizar o nosso sentimento em acções práticas, é necessário divulgar a desumanidade que se pratica nas prisões fascistas e tornar cada vez mais amplo e mais forte o protesto contra o regime prisional e cada vez mais vigorosa a nossa reivindicação: LIBERDADE PARA TODOS OS PRESOS POLÍTICOS ! LIBERDADE ...

LÊ
ASSINA **O GRITO**
E DIVULGA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

	6 Meses	12 Meses
FRANÇA	4.80f	9.60f
Outros países	5.20f	10.00f

pedidos de assinatura a:

Mr. Jean Marcu - B.P.80 94 Vincennes
CCP 16 343 17 - Paris
(com a indicação, "ao O GRITO")

OLIVIA SOBRAL - UMA VIDA AO SERVIÇO DO POVO

"Bento Gonçalves, Militão Ribeiro, Alfredo Caldeira, J. Dias Coelho, Catarina Eufémia, Candido Capilé e tantos outros que a PIDE tem roubado à vida, serão vingados e os seus nomes são bandeiras do nosso povo na luta por uma vida melhor".

Desde muito nova que Olívia Sobral sentiu a opressão e a exploração a que é submetido o povo:

"Apesar dos meus 8 anos de idade fui obrigada a ir pedir as sobras que os outros já não queriam ou teriam guardadas para os seus cães".

Assim declarou Olívia Sobral ao tribunal na sua contestação escrita, acrescentando que ao tomar consciência da sua miséria e dos seus camaradas começou a lutar por melhores condições de vida para todos, o que teve como consequência a sua primeira prisão (1957) e a sua primeira condenação : 15 meses de cadeia.

Dando prova de dedicação à luta do povo português e de coragem, ao sair da prisão continu-

ou a lutar nas fileiras do Partido Comunista Português, partido porque tinha grande admiração. Ela diz na sua contestação:

"Não encontrei só no P.C.P. pessoas sérias e honradas como conheci nelas as mais abnegadas e defensoras dos interesses dos trabalhadores".

Em 1963 voltou a ser presa, desta vez com seu marido e uma filha de 20 meses. Julgada em Outubro de 1964 foi condenada pelo tribunal fascista a 3 anos e 3 meses. Esta pena, ela já a cumpriu há mais de 2 anos, mas os fascistas mantêm-na ainda presa ao abrigo das celeradas "medidas de segurança".

Olívia Sobral é mais uma vítima do sistema repressivo existente em Portugal, uma mulher que durante toda a sua vida lutou e se tornou assim belo exemplo da emancipação da mulher portuguesa, que ao lado do homem tem dado a sua generosa contribuição para a conquista da liberdade, do pão, da democracia. Exigir a sua libertação, assim como a dos outros presos políticos, é o dever de todos os democratas, de todos os antifascistas portugueses.

Actividades da CSPPP (cont. da pág.8)

tadas para a defesa e a luta pela libertação de todos os presos políticos portugueses. Saibamos, dentro deste espírito, continuar o trabalho a que nos propomos denunciando sempre e sempre as torturas, a repressão policial, os crimes cometidos pela PIDE (hoje DGS). Aproveitemos com audácia a festa do jornal "L'Humanité" para exigirmos a libertação imediata e total dos presos políticos portugueses.

Abaixo a PIDE. Abaixo as torturas. Abaixo a repressão do governo fascista de Marcelo Caetano !

VIDAS EM PERIGO !

Sucedem-se em Portugal as tentativas para salvar da morte lenta que lhes reserva a PIDE nas prisões fascistas portuguesas alguns dos muitos presos políticos que têm a sua saúde a balada.

Os casos mais graves são os de Pires Jorge (20 anos de clandestinidade e 12 anos e 9 meses nas prisões fascistas), que sofre de próstata, de hipertensão, do estômago e de uma colite crónica; de Octávio Pato (7 anos de prisão) abalado pelas torturas; de José Car-

los (10 anos e 10 meses de prisão), que sofre actualmente de uma úlcera particularmente grave, de uma doença do coração, de um grave hemorroidal, de lesões nos dois pulmões e de uma séria nevrose; de Blanqui Teixeira, com uma nevrose que se torna alarmante por falta de tratamento; de José Magro que no conjunto já cumpriu mais de 16 anos de prisão.

Não podemos abandonar estes lutadores anti-fascistas entre as mãos dos criminosos da PIDE. São vidas preciosas à luta do povo português, exemplos de coragem e dedicação ao seu povo, às suas ideias, à luta contra o fascismo, pela Democracia e pela Liberdade, pela Paz e contra as guerras coloniais.

Todos os anti-fascistas, todos os anti-democratas, todos os homens e mulheres de coração devem participar na campanha pela libertação destes 5 patriotas, assinando o abaixo-assinado que corre actualmente, enviando protestos e telegramas às autoridades portuguesas e às organizações internacionais para que intervenham contra os atentados aos direitos humanos de que são vítimas diariamente os presos políticos portugueses.

Liberdade imediata para Pires Jorge, O. Pato, J. Carlos, B. Teixeira e J. Magro.

ACTIVIDADES DA COMISSÃO

CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE DE NATAL DE 1969

Embora não tivéssemos atingido o total a que nos tínhamos proposto, isto é, os 15.000 francos - pois que conseguimos cerca de 13.500 de receita bruta - ultrapassamos contudo o total da campanha de 1967 (12.000 aproximadamente).

Creemos que o resultado obtido foi, apesar disto, razoável e ajudará a melhorar o trabalho da comissão na próxima campanha de Natal de 1970, destinado como sempre a auxiliar os presos políticos portugueses e suas famílias.

As iniciativas tomadas pela primeira vez em 1969 de fazer publicar um apêlo da comissão obteve bons resultados. Como já dissemos no número anterior do nosso boletim tanto o jornal "L'Humanité" como "L'Humanité Dimanche" e "France Nouvelle" deram larga publicação a este apêlo. Não é pois de estranhar que do total das receitas contabilizadas - cerca de 13.500 - 40% tenham sido recebidos através da nossa caixa postal.

Para o resultado obtido contribuíram sempre com o mesmo espírito de dedicação à causa dos presos políticos portugueses - não só os amigos emigrados em França e outras organizações (ver o boletim anterior) como ainda vários núcleos de portugueses emigrados noutros países de várias partes do mundo.

Aqui deixamos exarado o nosso agradecimento a todos quantos contribuíram para o nosso trabalho.

VENDA DO "MUGUET"

A exemplo do que já tínhamos feito no ano de 69, a nossa Comissão de Solidariedade e o Movimento Democrático de Mulheres Portuguesas Emigradas em França, procederam, em colaboração, à tradicional venda do Muguet no dia 1º de Maio em vários pontos de Paris. Seis brigadas mixtas participaram neste trabalho cujo resultado não foi mau. Obtiveram-se 925,60 francos de receita total bruta que foram divididos em partes iguais. Com a compra do Muguet e a sua apresentação gastaram-se cerca de 180 francos.

1º DE MAIO

Durante o tradicional desfile do 1º de Maio, em Paris da República à Bastilha, organizado por várias organizações sindicais e

partidos políticos franceses, e acompanhando o grupo de portugueses que nele participaram alguns elementos da nossa Comissão trabalharam para a recolha de fundos e com bons resultados pois se ultrapassou e em muito o total recolhido há dois anos. Cerca de 750,00 francos, com a venda de bandeiras foi o produto do esforço desses amigos !!

Em grandes cartazes os portugueses emigrados exigiam a Amnistia e a Libertação de todos os Presos Políticos.

Na actuação da Comissão faltaram contudo dois elementos muito importantes: listas de recolha de assinaturas e a nossa imprensa. Confiamos em que esta deficiência não voltará a repetir-se.

CENTENÁRIO DE LENINE

Para comemorar o 1º centenário do nascimento de Lenine - um dos maiores vultos, senão o maior, do pensamento e da acção revolucionários do nosso século, o grande inspirador da primeira revolução socialista, em 1917 na Rússia, e da criação do primeiro estado soviético no mundo, um grupo de democratas portugueses levou a efeito uma jornada comemorativa em Maio passado. Do programa faziam parte - projecção de filmes, debate, actividades para crianças etc ..

O trabalho da nossa comissão consistiu na recolha de fundos, com bandeiras, atingindo-se um total de cerca de 300,00 francos.

FESTAS DE LA PLAINE-ST. DENIS E DE LA NORVILLE

Como já vem sendo hábito mais uma vez se realizaram as festas anuais destas localidades organizadas pelas respectivas secções do P.C.F., e nas quais os democratas portugueses estiveram presentes com um stand próprio. Em colaboração com os Comités de Ajuda à Luta do Povo Português destas comunas a Comissão de Solidariedade trabalhou para a recolha de fundos, recolha de assinaturas para libertação dos presos políticos portugueses e nomeadamente de Pires Jorge e José Magro. Também se recolheu com a venda de bandeiras, nas duas festas, cerca de 300,00 francos. Venderam-se muitos exemplares de O GRITO e das brochuras "Vidas em perigo".

Este pequeno quadro das actividades da nossa Comissão incita-nos a pensar que todas as possibilidades de actuação devem ser aproveitadas
(cont. pág. 7)

O GRITO

boletim da comissão de solidariedade aos presos políticos portugueses •

SETEMBRO 1970

Nº 9



TRABALHADORES PORTUGUESES DESFILANDO EM PARIS NO 1º DE MAIO DE 1970

FESTA DO «HUMANITÉ»

FESTA DO POVO TRABALHADOR FRANCÊS
FESTA DE SOLIDARIEDADE

Este número do "GRITO" sai por ocasião da grande festa do jornal "L'HUMANITE", do Partido Comunista Francês. É a maior festa em França, reunindo cada ano cerca de meio milhão de pessoas. Trabalhadores da região parisiense e doutras regiões do país vêm confraternizar entre si e ao mesmo tempo apoiar o jornal que diariamente defende os seus direitos e reivindicações.

Como todos os anos, eles vão à festa, não só para se divertir, comer e beber no restau-
(cont. pág. 3)

PENICHE, PRISÃO DE EXCEPÇÃO

PROTESTARAM AS FAMÍLIAS DOS PRESOS POLÍTICOS

Recentemente as famílias dos presos políticos detidos no forte de Peniche dirigiram ao ditador Caetano um protesto contra o regime prisional desumano que domina naquela cadeia, considerada "de exceção".

A intranquilidade dos familiares dos presos políticos é perfeitamente justa, porque Peniche, como aliás outras prisões fascistas, sendo uma ameaça latente para todos os portugueses que amam a liberdade é um desafio à consciência de todas as pessoas honestas é também um motivo de permanente angústia para
(cont. pág. 6)

CONFERÊNCIA DE ROMA

Realizou-se nos dias 27, 28 e 29 de Junho, em Roma, a Conferência de apoio à luta dos povos sob a dominação colonial portuguesa.

Participaram nesta conferência numerosas organizações políticas e sindicais de diversos países. Portugal esteve também representado, cumprindo assim o seu dever de solidariedade para com os povos irmãos das colónias portuguesas.

A realização desta conferência marca um importante passo em frente na luta dos povos das colónias. Contribuindo para uma maior informação da opinião pública mundial sobre a realidade da guerra colonial, para o estudo de formas de solidariedade activa dos diversos países e organizações, para a unidade de todas as forças que lutam contra a dominação colonial portuguesa.

Entretanto, outro facto tem interesse, pois de certo modo veio dar também o seu contributo à luta dos povos das colónias. A audiência do papa Paulo VI, concedida aos dirigentes dos três movimentos de libertação das colónias portuguesas: Amílcar Cabral, do PAIGC; Agostinho Neto, do MPLA e Marcelino dos Santos da FRELIMO.

As autoridades fascistas tentaram subestimar a importância deste acontecimento dizendo que a audiência tinha tido um aspecto muito "privado", com carácter meramente "espiritual". No entanto, para além de toda a histeria do palavreado fascista, sobrevive a importância do acontecimento. Hoje muitos sectores católicos tomam posição contra a guerra colonial, solidarizam-se com os Movimentos de Libertação das Colónias e com todos os que em Portugal, como noutros países, lutam contra o colonialismo, contra o regime fascista português.

Pouco a pouco, o fascismo vai perdendo terreno; o campo da especulação demagógica torna-se cada vez mais estreito; perto vem o dia em que cairá definitivamente na rua.

A libertação das colónias é parte integrante da Luta pela Libertação do Povo Português. A solidariedade entre o Povo português e os Povos das colónias deve ser estreita e activa.

AMNISTIA!

«NATAL DOS PRESOS POLÍTICOS»

no início de uma nova campanha

Um dos aspectos da luta contra a repressão fascista é sem dúvida a solidariedade material tão necessária aos presos políticos e às suas famílias. Muitos patriotas arrancados das prisões pela constante pressão das campanhas de amnistia, têm de pagar com uma caução elevada a sua liberdade. Muitas famílias perdem com o encarceramento de um dos seus membros um sustentáculo essencial à sua existência.

Por isso, como em anos precedentes, a Comissão de Solidariedade aos Presos Políticos vai empenhar-se em lançar mais uma campanha de Natal. Em princípios de Novembro, dirigir-se-á a muitos amigos dos presos políticos, a muitos democratas, em vários países, a fim de reunir o máximo de fundos, destinados a combater as injustiças que o fascismo português ocasiona no seio de tantos lares. A recolha de fundos será pois, em primeiro lugar, uma contribuição directa nesse sentido. Mas ela não deixará de ter um significado político mais amplo. O seu êxito será um factor moral importante, nos duros combates que é preciso travar, no país, para se acabar com o mal pela raiz.

Desde já apelamos para todos aqueles que compreendem a causa dos presos políticos e a causa do povo português para que não percam de vista esta tarefa futura. A sua plena execução depende muito da iniciativa e do entusiasmo que todos os nossos amigos lhe dedicarem. A Comissão de Solidariedade está à disposição de todos neste trabalho.

Por outro lado, podemos desde já informar que ela realizará, possivelmente no dia 26 de Dezembro, à noite, em local a indicar oportunamente uma grande festa de fim de ano, cujo lucro se integrará inteiramente na anunciada campanha.

RÁDIO

A VOZ DA LIBERDADE

AS SEGUNDAS, QUARTAS E SABADOS :
A partir das 01, 15 (uma hora e um quarto,) em ondas curtas em 25, 31 e 49 metros e em ondas médias em 230, 320 e 550 metros.
Aos sábados só em ondas curtas.

RÁDIO

PORTUGAL

LIVRE

TODOS OS DIAS

Das 8 às 8.30 em 19 metros; das 20 às 22 h. em 25 metros; e das 0,20 às 0,50 em 26,32 e 36 metros.

O PROBLEMA DOS PRESOS POLÍTICOS É UM PROBLEMA DE TODOS!

É assim que a COMISSÃO NACIONAL DE SOCORRO AOS PRESOS POLÍTICOS, criada em Portugal em 31 de Dezembro do ano passado, termina o seu primeiro comunicado ao país, o qual é um apelo a todos os "portugueses responsáveis e conscientes" para que, "fazendo convergir para a comissão elementos informativos e meios de auxílio, colaborando nas tarefas das comissões especializadas e constituindo núcleos regionais e locais de apoio", "secundem, apoiem e multipliquem" o trabalho pelos seguintes objectivos:

- 1.- "Chamar a atenção do governo e do país para os graves problemas ligados à situação dos presos políticos em Portugal, focando, com base em factos incontroversos, as flagrantes e repetidas injustiças cometidas à sombra da legislação aplicável aos presos políticos.
- 2.- Proclamar a necessidade de se pôr cobro a essa situação, por forma a tornar realidade as medidas de protecção dos indivíduos e a libertação dos presos políticos, fazendo apelo aos sentimentos de solidariedade e à responsabilidade de todos os cidadãos.
- 3.- Auxiliar por todas as formas legais os presos e suas famílias, de modo que sejam minorados, através de uma acção solidária, os sofrimentos morais e materiais causados por uma legislação injusta e agravada por um tratamento desumano."

Logo após a sua constituição, a Comissão Nacional de Socorro comunicou ao ditador português a sua existência e finalidade, lembrou ao governo a responsabilidade que ele assume em tão grave situação e reclamou a abolição das "medidas de segurança", a realização de um inquérito às condições de vida dos presos políticos, a sua "libertação ... e ... reintegração na vida da comunidade nacional, como reparação devida às vítimas de uma legislação injusta e condição prévia e indispensável para o saneamento da vida política do país."

Do mesmo comunicado ressalta a contradição entre as palavras e os actos de Caetano que por um lado anunciara, há já quase 2 anos, querer a "convivência entre todos os portugueses", sem que no entanto fossem revogadas "as leis de excepção da PIDE (agora DGS) e dos

(cont. pág. 4)

«HUMANITE» (cont. da pág. 1)

rante da sua região natal, aplaudir artistas que se associam à festa, mas também para prestar solidariedade ao glorioso povo do Vietname e dos outros países da Indochina que o colosso militar do imperialismo americano não consegue submeter à sua lei da selva; para prestar solidariedade aos militantes democráticos e comunistas dos países fascistas ou dominados por ditaduras militares e reaccionárias de todo o mundo; para prestar homenagem aos governos e partidos dos Estados socialistas pela sua contribuição decisiva à defesa da Paz e da Democracia e à luta pela libertação dos povos coloniais. Este ano, os trabalhadores franceses e os seus amigos de todas as nações que irão à festa lembrarão ainda o fundador do primeiro Estado socialista, o grandioso revolucionário russo Vladimiro Lénine, assim como o grande dirigente operário francês Maurice Thorez.

O "GRITO" saúda a festa do "HUMANITE", os seus organizadores e os muitos milhares de participantes. Editado pela comissão de solidariedade aos presos políticos portugueses, o "GRITO" estará presente na festa do "HUMANITE" para esclarecer sobre a situação nas prisões fascistas de Portugal, para procurar da parte dos participantes nessa festa uma solidariedade activa para com aqueles que sofrem nas prisões políticas portuguesas.

É que nessas prisões há mesmo vidas em perigo: Pires Jorge, José Carlos, Blanqui Teixeira, Octávio Pato e José Magro, estão num estado quase desesperado. Lutar pela sua libertação imediata é dever de todos os portugueses mas é também uma acção possível e necessária aos democratas franceses. Na festa, o "GRITO" estará instalado no stand dos democratas portugueses e fará circular um abaixo-assinado em defesa da libertação daqueles 5 patriotas, única possibilidade de os salvar da morte a que os vota o fascismo.

Portugueses e franceses assinarão lado a lado esse texto e a solidariedade não será uma palavra vã. Mas nós apelamos mais: que todos enviem protestos, telegramas e assinaturas aos representantes diplomáticos de Portugal em cada cidade francesa, assim como ao Presidente da República, ao Presidente do Conselho, ao ministro da Justiça, contra a prisão dos democratas e as torturas infligidas pela PIDE, contra as "medidas de segurança", pela amnistia de todos os presos e exilados políticos portugueses.

RECORDAÇÕES DO CAMPO DA MORTE LENTA

GABRIEL PEDRO fala do TARRAFAL

UM PROBLEMA DE TODOS (cont.da p.3)

tribunais especiais", sem que proclamasse uma "amnistia total para os presos e detidos políticos" e sem que se corrigissem sequer "situações clamorosas que correspondem na prática à destruição física e moral dos presos políticos."

A Comissão Nacional de Socorro tem procurado informar os portugueses sobre as violências de que, durante a instrução preparatória, durante os processos e nas cadeias políticas, continuam a ser vítimas "muitos dos que têm dado o melhor da sua vida, lutando não por interesse pessoal, mas por aquilo que consideram o progresso e o bem da colectividade a que pertencem". Ela tem também informado sobre as libertações que a pressão da opinião pública tem já conseguido das autoridades fascistas.

A Comissão lembra também que "todo o pessoal, todo o material e munições que à PIDE pertenciam" foram transferidas "em globo" para a DGS, mantendo-se também em vigor "toda a legislação que regulamentava aquela polícia."

Sigamos todos o exemplo da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos ! Mobilizemos todos os cidadãos responsáveis, todas as pessoas honestas, para a acção solidária a favor dos presos políticos !

Do silêncio das prisões ergue-se o grito de muitos patriotas ! O Povo Português ouve e sente o seu clamor :

Exijamos AMNISTIA TOTAL !

É difícil falar com Gabriel Pedro sem que a imagem do campo de concentração do Tarrafal não apareça medonha, trágica, símbolo de morte na longa noite assassina do fascismo português. Por isso o GRITO procurou G. Pedro para nos falar do Tarrafal, esse monstruoso campo que depois de matar e torturar tantas dezenas de patriotas portugueses, tortura agora centenas de patriotas africanos presos nas colónias que o fascismo oprime em África.

Ouvimo-lo durante horas mas muitas outras poderíamos ter passado na sua companhia. É difícil transcrever tudo quanto ouvimos sobre os crimes e brutalidades dos fascistas. Assim resolvemos relatar apenas um episódio da vida do Campo, em seguida a uma tentativa de fuga falhada.

Surpreendidos na fuga, os presos voltaram correndo para as barracas de lona em que habitavam. As metralhadoras atiravam para o ar, "mas nós não sabíamos se trabalhavam para o ar ou não ...e agora vejam lá como é que com paredes de lona nos podíamos defender das rajadas de metralhadora". Os presos cosiam-se com o chão. "Havia uns estrados em cada barraca com o espaço de 30 cm entre o chão. Muitos começaram a estender-se debaixo do estrado, para ver se as rajadas não os atingiam".

Passado tempo, metralhadoras apontadas sobre todos os presos formados, fizeram a chamada "e levaram 21 homens, entre eles eu, para o "segredo", a chamada "frigideira". Esta era dividida em dois compartimentos com uma parede de cimento ao meio: Cada compartimento media 2,5 m por 4 m. Puseram dez presos num lado e onze no outro. A nossa situação dentro da "frigideira" era insuportável, por esta razão: chovia dentro, porque o calor era abrazador e a única respiração que havia para 10 homens era através duma chapa duma porta de navio que foi aplicada ao cimento e que tinha dois furos de dois rebites. O calor era tanto que nós estávamos completamente banhados em suor. A água corria-nos pelo corpo abaixo e aquele suor que se evaporava concentrava-se no tecto e então, conforme subia e se concentrava caía sobre nós como chuva de nevoeiro".

"Não tínhamos bancos nem camas; a única solução para deitar era dobrar o chapéu de palha em quatro dobras e estendermo-nos por cima do cimento, com o corpo quase nú".

"Ao fim de 10 dias, um amigo do compartimento ao lado começou a largar a pele. À hora de comer reclamávamos médico para ele ver o estado em que nos encontrávamos".

O GRITO

NOTICIÁRIO

suplemento

LISBOA - No decorrer do passado mês de Março foram "julgados" pelo Tribunal Plenário de Lisboa, Ricardo Horta, Manuel Pedro, Angelo Veloso e Cabral de Matos. Presos cerca de um ano antes deste "juízo", estes quatro democratas denunciaram em plena audiência, as torturas e os espancamentos brutais administrados quase continuamente pelos agentes da Direcção Geral de Segurança (PIDE).

LISBOA - No dia 12 de Maio, foi lida a sentença do Tribunal Plenário da Boa-Hora, respeitante ao julgamento de João Pulido Valente, Rui Manuel d'Espiney e Francisco Martins Rodrigues. Mais uma vez o regime fascista mostrou todo o seu carácter repressivo: 15, 19 e 20 anos de prisão maior, além das tão tristemente conhecidas "medidas de segurança", no presente caso, prorrogáveis indefinidamente. A brutalidade destas condenações deve servir de lição para todos os que continuam a acreditar no mito da liberalização e na possibilidade de resolução pacífica do problema português.

Ontem com Salazar, hoje com M. Caetano, continua o mesmo carácter anti-popular, anti-democrático e repressivo, mostrando bem a todos os que duvidam, que o fascismo só cairá ante a força do Povo em armas.

Pulido Valente havia sido preso em Dezembro de 1965, Martins Rodrigues em Janeiro e Rui d'Espiney em Fevereiro de 66, tendo sido condenados em Junho de 68 por um tribunal "não político" a 2, 15 e 14 anos de prisão. Durante os 52 meses de "prisão preventiva" sofreram as mais diversas torturas nas masmorras da PIDE.

BARREIRO - Nos dias que seguiram as violentas manifestações populares e operárias que assinalaram a comemoração do 1º de Maio nesta vila, PIDE e GNR ocupando o Barreiro, provocando os habitantes prosseguiram a "roda-viva" repressiva que vinha

desde o início dos incidentes.

Na noite de 3 para 4 de Maio, forças da GNR sob a chefia do sargento Reis efectuaram 20 prisões, sendo depois os presos espancados violentamente, sempre sob o comando do sargento Reis.

Na madrugada do mesmo dia 3 é a PIDE (DGS) que efectua uma série de prisões a domicílio, irrompendo de pistola em punho pela morada de diversos democratas barreirenses, entre os quais se conta o ex-candidato a deputado pelo distrito de Setúbal, Alvaro Monteiro e o ferroviário José Jordão.

PORTO - Em telegrama enviado ao governador civil do Porto membros da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos denunciam os abusos de que são vítimas os democratas aprisionados durante os incidentes do Barreiro.

Na verdade sabe-se que Alfredo de Matos sofreu a tortura do sono e espancamentos frequentes bem como Staline de Jesus que foi também torturado, este último que se encontrava em regime de incomunicabilidade teve de ser metido numa cela com outro companheiro, depois de uma grande crise de epilepsia.

Alvaro Monteiro (ex-candidato a deputado) vítima de brutalidades diversas teria sido operado de urgência a um ouvido, segundo a recomendação de um especialista dos hospitais civis de Lisboa que o observara.

Alfredo de Matos e Zacarias Fernandes também do Barreiro sofrem também de graves problemas de saúde, com complicações pulmonares o primeiro e cardíacas o segundo.

No Porto para onde estes patriotas foram transferidos para uma breve "estadia" na PIDE desta cidade, voltando depois à PIDE de Lisboa, gerou-se um forte movimento de solidariedade.

COIMBRA - Dezenas de feridos marcaram a data de 9 de maio quando as forças da P.S.P. investiram contra os estudantes agrupados junto ao teatro

Gil Vicente.

A atestar da intenção e das disposições criminosas das "forças da ordem" que dispararam, matraquearam, lançaram gases lacrimogéneos: muitos feridos entre os quais o jovem Fernando Seica em perigo de vida.

■ Durante os meses de Maio e Junho verificou-se uma onda de prisões políticas por períodos pequenos, com que foram tocadas dezenas de democratas em todo o país. Dos que se encontram já em liberdade: arq. Nuno Teotónio Pereira, dr. Galgado Zenha, Manuel Cabanas (Barreiro) José Cunha (Alhos Vedros), cónego Abílio Tavares Cardoso (Cascais), Cerqueira (Odivelas), José Gonveia (Loures), Manuel Mendes Mourão, José Jordão (Barreiro), Fernando do Carmo Libório (Barreiro), Adolfo Neves (Porto) Pedro Cabral (Porto), dra. Isabel do Carmo (Lisboa), padre Felicidade Alves (Lisboa), tendo uns saído em liberdade após vários interrogatórios, outros sob caução.

■ No dia 4 de Junho, foram condenados pelo Tribunal Plenário de Lisboa António José Baltazar Condeço, de 20 anos, operário de Almada e José Pires Casado, de 59 anos, agricultor, de Portalegre, ultimamente residente em Paris. Ao primeiro foi atribuída uma pena de 22 meses de prisão correcional e ao segundo 14 meses de prisão correcional com pena suspensa por 4 anos. Ambos foram privados de direitos políticos por 2 anos (!)

No decorrer do julgamento, Pires Casado e José Condeço, denunciaram as torturas e espancamentos a que foram submetidos pela PIDE (DGS)

■ No dia 23 de Junho o Tribunal Plenário de Lisboa condenou Veríssimo da Silva Borges, estudante, de Ponta Delgada, Maria da Graça Marques Pinto, estudante de Direido em Lisboa e natural de Moçambique, José Magalhães Rodrigues, funcionário da Junta de Colonização Interna, de S. Miguel. Todos eram acusados de distribuição de propaganda política referente à festa mundial do trabalho do 1º de Maio

Veríssimo Borges e Magalhães Rodrigues foram espancados pela PIDE (DGS).

■ Em Lisboa, a Cooperativa Universitária de livros -Livrelco- foi assaltada por agentes da PIDE (DGS), muitos livros foram apreendidos.

AINDA O TARRAFAL...

LUANDA - Os setenta angolanos presos em Luanda durante os meses de Outubro e Novembro de 1969 e de quem só agora se conhece o paradeiro, encontram-se repartidos por diversos campos de concentração à excepção dos dois únicos brancos que faziam parte deste grupo: António Ferreira Neto, médico, e Rui Ramos, estudante. Estes trazidos para Lisboa foram acusados de actividades contra a segurança do estado, pelo que lhes foi aberto um processo de carácter político.

Todos os outros, patriotas angolanos negros, foram objecto de uma medida administrativa de internamento, entre 15 a 20 anos. Uma parte deles encontra-se no tristemente célebre campo de concentração do Tarrafal no arquipélago de Cabo Verde (ver artigo pg. 4 e 5) agora denominado campo do Chão Bom (!), estando outra parte no campo de concentração de S. Nicolau, em pleno deserto de moçâmedes, em Angola.

Salienta-se a ausência de qualquer processo penal nestes casos, ou seja, a não intervenção de qualquer tribunal na apreciação dos factos, o que leva a que as pessoas cumpram medidas de internamento, com carácter exclusivamente administrativo, mas que são, de facto, verdadeiras penas maiores aplicadas sem passar pelos tribunais. Estas medidas são aplicadas pelo Governo Geral, sob informação da PIDE ou das autoridades administrativas.

Milhares de patriotas africanos vítimas de tais arbitrariedades, encontram-se sob regimes duríssimos nos campos de concentração de Missombo (nas chamadas Terras do Fim do Mundo), na baía dos Tigres etc..

Só o campo de S. Nicolau, que acima referimos, conta, actualmente com 2.900 prisioneiros.

Finalmente foram retirados da "frigideira". Em contacto com os outros presos souberam então que aqueles que não tinham ido para o "segredo" tinham sido chamados à secretaria para interrogatórios sobre a responsabilidade da fuga; diariamente apanhavam "cargas de porrada até as costas ficarem totalmente negras". Mas ninguém falou.

Agora que todos estavam juntos de novo, começava uma nova e terrível tortura: "Aplicaram-nos uma pá e uma picareta nas mãos e mandaram-nos abrir uma vala em forma de V com 4 m de fundura, 2 m de largura na base e 6 m na boca. Não estávamos habituados àquele clima e, para trabalhar tínhamos que estar com o tronco nú, expostos àquele sol tropical. E exigiam de nós um ritmo de trabalho bem acelerado, o que, como é bom de ver, ao fim de 5 dias, de 175 homens, 150 estavam de cama. Não havia o mais elementar medicamento para sermos tratados".

"Os presos, quando estavam doentes, ficavam nas suas barracas. Havia barracas onde não havia um só homem em pé, e eles eram 12 por barraca. Homens doentes e homens bons juntos, já tinham montado uma barraca de madeira a que chamavam "enfermaria", mas também lá não havia medicamentos nenhuns".

Os 25 homens que resistiam às febres, como única perspectiva para aliviar os 150 que estavam de cama, tinham água que ferviam e davam clistéres de água quente. Esta tarefa era dificultada porque havia um racionamento de lenha e a água tínhamos que a ir buscar em latas de 20 litros a 2 Km de distância do acampamento, com um arame agarrado às costas. Para conseguirmos ferver a água íamos roubar lenha de noite. Mas pouco a pouco as mortes começaram: um, depois outro, sete morreram. Eu tinha lá um filho com 16 anos, que tinha ido para lá com 15 (1); encontrava-se numa barraca onde todos estavam doentes, entre eles o meu filho. Morreu um camarada na minha barraca e eu pedi autorização aos camaradas da organização prisional clandestina para deixarem o meu filho mudar para ao pé de mim. Os camaradas acederam. Fui buscá-lo à barraca onde se encontrava e a primeira coisa que lhe disse foi: Olha já morreram 7. É preciso fazeres um esforço sobre-humano para que não morras!"

"Foi um medicamento psicológico tão grande que o meu filho, ao fim de dois dias já andava a pé".

"Os 25 homens foram insuficientes para socorrer os camaradas doentes, mas mercê de um esforço heróico, evitaram que morressem mais

que os 7"(2),. Mas quase todos ficaram sofrendo do paludismo. Muitos vieram a morrer anos mais tarde, das consequências dessa e outras doenças contraídas no Tarrafal.

G. Pedro ainda tentou fugir mais tarde, com 4 camaradas. Mas também a sua fuga fracassou, se bem que tivesse conseguido ainda fazer-se ao largo num barquinho de pesca. Resultado: "Quando chegámos ao acampamento fomos conduzidos à secretaria, onde eu disse que a pancada que iam dar ma dessem toda a mim pois eu é que tinha tudo preparado e instigado os camaradas. A resposta que me deram foi: A porrada vai ser tanta que dá para todos e ainda sobra muita porrada".

"Na verdade foi terrível. A um rapaz da Caris deram-lhe tanta porrada que morreu com os rins esmagados! E aos 4 sobreviventes desta pancadaria, depois de nos terem deixado as costas em péssimo estado, aplicaram 70 dias de "frigideira"!

G. Pedro a tudo resistiu, por isso recebeu o título de "herói da frigideira": Mas é sempre o mesmo homem simples e sempre o mesmo espírito de luta. Apesar de todos os maus momentos da sua existência a sua certeza dos dias melhores para o povo português vai de par com a sua jovialidade. Tivemos um novo exemplo na nossa conversa. Um de nós perguntou-lhe: mas então com as fugas perderam todas as regalias? Resposta de G. Pedro: "Quando se fala em regalias, é melhor estar calado, porque não havia regalias nenhuma. A única regalia que havia era o comandante do Campo receber as encomendas que a família nos mandava. Então, abria a cantina e vendia-nos as encomendas!"

(1) - Safu de lá com 27 anos!

(2) - A organização prisional clandestina atribuiu a G. Pedro um louvor pela dedicação que nessa ocasião prestou à vida dos seus camaradas.

divulga 'O GRITO' entre
os teus amigos!

PENICHE (cont. da pág. 1)

aqueles que aí têm os seus entes queridos.

Na verdade, o dia a dia dos presos políticos é um verdadeiro suplício motivado não só pelo rigor da disciplina, pelos castigos - in-comunicabilidade, espancamentos, torturas - pelos interrogatórios, pelo convite à denúncia, pelas ameaças e pelas restrições de toda a ordem mas sobretudo pela recusa das mais elementares condições de vida. É de sublinhar aqui a deficiência da alimentação e a falta do tratamento necessário ao restabelecimento da saúde, forçosamente abalada pelos maus tratos, pela incúria de médicos-polícias, pelo clima de intimidação, de mentira e de provocação, durante longos anos de encarceramento, longos anos de sofrimentos tanto materiais como morais.

A separação da família, a impossibilidade de lhe prestar o socorro de que ela tantas vezes necessita, as restrições às visitas e as condições insuportáveis em que estas se verificam tornam ainda mais dura a "vida" dos patriotas presos. Por sequer se lhes permite ler os livros, revistas ou jornais de que qualquer outro cidadão português se pode todavia servir. Para os presos políticos há uma segunda censura !

Em Portugal, aos homens honestos, aos mais desinteressados e convictos defensores do bem dos portugueses reservam-se-lhes prisões de excepção ! Num país onde os direitos dos cidadãos, na generalidade, já são tão espezinhados, onde a polícia política já actua segundo leis especiais e onde a instrução dos processos políticos já decorre segundo leis do mesmo tipo, é por certo bem difícil conceber a que ponto é ultrajado o ser humano ao ser alvejado com mais esta "excepção". Mas a realidade nega o inconcebível.

É assim que os fascistas entendem o tão apregoado "apaziguamento da família portuguesa". É rejeitando os autênticos patriotas, os porta-vozes dos anseios populares, os torturados que Caetano pratica a "tolerância". O que porém é grave não é a hipocrisia de um regime que o povo português já conhece demasiado bem. Grave é o verdadeiro desígnio dum governo que prossegue a execução da ideia funesta de liquidar lentamente os presos políticos. O alarmante estado de saúde de PIRES JORGE, OCTAVIO PATO, BLANQUI TEIXEIRA, JOSÉ MAGRO, JOÃO HONRADO, JOSÉ CARLOS, DOMINGOS ABRANTES e muitos outros é disso prova.

Para conseguir tal fim o ditador não hesita em continuar a recorrer à arbitrariedade

monstra que são as chamadas "medidas de segurança", prolongando assim indefinidamente o tempo de prisão, após o cumprimento da pena.

Os familiares dos presos políticos conhecem bem o verdadeiro sentido da discriminação de que estes são alvo. Daí o seu protesto que é ao mesmo tempo um testemunho vivo do seu próprio tormento.

Defender aqueles que pela sua dedicação à causa do povo, pela sua firmeza, pela convicção inquebrantável da justeza das suas ideias e pelo seu comportamento consequente se colocaram na vanguarda da luta pelo pão e pela democracia é sem dúvida uma acção justa. Por isso, o povo português, longe de esquecer Peniche e outras prisões fascistas, longe de aceitar a discriminação, respeita, admira e continuará a defender as vidas preciosas das vítimas da repressão.

Mas é preciso não perder tempo. Cada dia de prisão não é apenas um dia roubado ao trabalho criador, não é apenas um dia roubado ao convívio com a família e com os amigos, é sobretudo um dia à disposição dos assassinos que lentamente inutilizam seres humanos, cidadãos, gente do povo.

Há muito que os presos políticos ganharam a simpatia do povo português. Mas é preciso mais. É necessário exteriorizar o nosso sentimento em acções práticas, é necessário divulgar a desumanidade que se pratica nas prisões fascistas e tornar cada vez mais amplo e mais forte o protesto contra o regime prisional e cada vez mais vigorosa a nossa reivindicação: LIBERDADE PARA TODOS OS PRESOS POLÍTICOS ! LIBERDADE ...

LE
ASSINA **O GRITO**
E DIVULGA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

	6 Meses	12 Meses
FRANÇA	4.80f	9.60f
Outros países	5.20f	10.00f

pedidos de assinatura a:

Mr. Jean Marcu - B.P.80 94 Vincennes
CCP 16 343 17 - Paris
(com a indicação, "ao O GRITO")

OLIVIA SOBRAL - UMA VIDA AO SERVIÇO DO POVO

"Bento Gonçalves, Militão Ribeiro, Alfredo Caldeira, J. Dias Coelho, Catarina Eufémia, Candido Capilé e tantos outros que a PIDE tem roubado à vida, serão vingados e os seus nomes são bandeiras do nosso povo na luta por uma vida melhor".

Desde muito nova que Olívia Sobral sentiu a opressão e a exploração a que é submetido o povo:

"Apesar dos meus 8 anos de idade fui obrigada a ir pedir as sobras que os outros já não queriam ou teriam guardadas para os seus cães".

Assim declarou Olívia Sobral ao tribunal na sua contestação escrita, acrescentando que ao tomar consciência da sua miséria e dos seus camaradas começou a lutar por melhores condições de vida para todos, o que teve como consequência a sua primeira prisão (1957) e a sua primeira condenação : 15 meses de cadeia.

Dando prova de dedicação à luta do povo português e de coragem, ao sair da prisão continu-

ou a lutar nas fileiras do Partido Comunista Português, partido porque tinha grande admiração. Ela diz na sua contestação:

"Não encontrei só no P.C.P. pessoas sérias e honradas como conheci nelas as mais abnegadas e defensoras dos interesses dos trabalhadores".

Em 1963 voltou a ser presa, desta vez com seu marido e uma filha de 20 meses. Julgada em Outubro de 1964 foi condenada pelo tribunal fascista a 3 anos e 3 meses. Esta pena, ela já a cumpriu há mais de 2 anos, mas os fascistas mantêm-na ainda presa ao abrigo das celeradas "medidas de segurança".

Olívia Sobral é mais uma vítima do sistema repressivo existente em Portugal, uma mulher que durante toda a sua vida lutou e se tornou assim belo exemplo da emancipação da mulher portuguesa, que ao lado do homem tem dado a sua generosa contribuição para a conquista da liberdade, do pão, da democracia. Exigir a sua libertação, assim como a dos outros presos políticos, é o dever de todos os democratas, de todos os antifascistas portugueses.

Actividades da CSPPP (cont. da pág.8)

tadas para a defesa e a luta pela libertação de todos os presos políticos portugueses. Saibamos, dentro deste espírito, continuar o trabalho a que nos propomos denunciando sempre e sempre as torturas, a repressão policial, os crimes cometidos pela PIDE (hoje DGS). Aproveitemos com audácia a festa do jornal "L'Humanité" para exigirmos a libertação imediata e total dos presos políticos portugueses.

Abaixo a PIDE. Abaixo as torturas. Abaixo a repressão do governo fascista de Marcelo Caetano !

VIDAS EM PERIGO !

Sucedem-se em Portugal as tentativas para salvar da morte lenta que lhes reserva a PIDE nas prisões fascistas portuguesas alguns dos muitos presos políticos que têm a sua saúde a balada.

Os casos mais graves são os de Pires Jorge (20 anos de clandestinidade e 12 anos e 9 meses nas prisões fascistas), que sofre de próstata, de hipertensão, do estômago e de uma colite crónica; de Octávio Pato (7 anos de prisão) abalado pelas torturas; de José Car-

los (10 anos e 10 meses de prisão), que sofre actualmente de uma úlcera particularmente grave, de uma doença do coração, de um grave hemorroidal, de lesões nos dois pulmões e de uma séria nevrose; de Blanqui Teixeira, com uma nevrose que se torna alarmante por falta de tratamento; de José Magro que no conjunto já cumpriu mais de 16 anos de prisão.

Não podemos abandonar estes lutadores anti-fascistas entre as mãos dos criminosos da PIDE. São vidas preciosas à luta do povo português, exemplos de coragem e dedicação ao seu povo, às suas ideias, à luta contra o fascismo, pela Democracia e pela Liberdade, pela Paz e contra as guerras coloniais.

Todos os anti-fascistas, todos os anti-democratas, todos os homens e mulheres de coração devem participar na campanha pela libertação destes 5 patriotas, assinando o abaixo-assinado que corre actualmente, enviando protestos e telegramas às autoridades portuguesas e às organizações internacionais para que intervenham contra os atentados aos direitos humanos de que são vítimas diariamente os presos políticos portugueses.

Liberdade imediata para Pires Jorge, O. Pato, J. Carlos, B. Teixeira e J. Magro.

ACTIVIDADES DA COMISSÃO

CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE DE NATAL DE 1969

Embora não tivéssemos atingido o total a que nos tínhamos proposto, isto é, os 15.000 francos - pois que conseguimos cerca de 13.500 de receita bruta - ultrapassamos contudo o total da campanha de 1967 (12.000 aproximadamente).

Creemos que o resultado obtido foi, apesar disto, razoável e ajudará a melhorar o trabalho da comissão na próxima campanha de Natal de 1970, destinado como sempre a auxiliar os presos políticos portugueses e suas famílias.

As iniciativas tomadas pela primeira vez em 1969 de fazer publicar um apêlo da comissão obteve bons resultados. Como já dissemos no número anterior do nosso boletim tanto o jornal "L'Humanité" como "L'Humanité Dimanche" e "France Nouvelle" deram larga publicação a este apêlo. Não é pois de estranhar que do total das receitas contabilizadas - cerca de 13.500 - 40% tenham sido recebidos através da nossa caixa postal.

Para o resultado obtido contribuíram sempre com o mesmo espírito de dedicação à causa dos presos políticos portugueses - não só os amigos emigrados em França e outras organizações (ver o boletim anterior) como ainda vários núcleos de portugueses emigrados noutros países de várias partes do mundo.

Aqui deixamos exarado o nosso agradecimento a todos quantos contribuíram para o nosso trabalho.

VENDA DO "MUGUET"

A exemplo do que já tínhamos feito no ano de 69, a nossa Comissão de Solidariedade e o Movimento Democrático de Mulheres Portuguesas Emigradas em França, procederam, em colaboração, à tradicional venda do Muguet no dia 1º de Maio em vários pontos de Paris. Seis brigadas mixtas participaram neste trabalho cujo resultado não foi mau. Obtiveram-se 925,60 francos de receita total bruta que foram divididos em partes iguais. Com a compra do Muguet e a sua apresentação gastaram-se cerca de 180 francos.

1º DE MAIO

Durante o tradicional desfile do 1º de Maio, em Paris da República à Bastilha, organizado por várias organizações sindicais e

partidos políticos franceses, e acompanhando o grupo de portugueses que nele participaram alguns elementos da nossa Comissão trabalharam para a recolha de fundos e com bons resultados pois se ultrapassou e em muito o total recolhido há dois anos. Cerca de 750,00 francos, com a venda de bandeiras foi o produto do esforço desses amigos !!

Em grandes cartazes os portugueses emigrados exigiam a Amnistia e a Libertação de todos os Presos Políticos.

Na actuação da Comissão faltaram contudo dois elementos muito importantes: listas de recolha de assinaturas e a nossa imprensa. Confiamos em que esta deficiência não voltará a repetir-se.

CENTENÁRIO DE LENINE

Para comemorar o 1º centenário do nascimento de Lenine - um dos maiores vultos, senão o maior, do pensamento e da acção revolucionários do nosso século, o grande inspirador da primeira revolução socialista, em 1917 na Rússia, e da criação do primeiro estado soviético no mundo, um grupo de democratas portugueses levou a efeito uma jornada comemorativa em Maio passado. Do programa faziam parte - projecção de filmes, debate, actividades para crianças etc ..

O trabalho da nossa comissão consistiu na recolha de fundos, com bandeiras, atingindo-se um total de cerca de 300,00 francos.

FESTAS DE LA PLAINE-ST. DENIS E DE LA NORVILLE

Como já vem sendo hábito mais uma vez se realizaram as festas anuais destas localidades organizadas pelas respectivas secções do P.C.F., e nas quais os democratas portugueses estiveram presentes com um stand próprio. Em colaboração com os Comités de Ajuda à Luta do Povo Português destas comunas a Comissão de Solidariedade trabalhou para a recolha de fundos, recolha de assinaturas para libertação dos presos políticos portugueses e nomeadamente de Pires Jorge e José Magro. Também se recolheu com a venda de bandeiras, nas duas festas, cerca de 300,00 francos. Venderam-se muitos exemplares de O GRITO e das brochuras "Vidas em perigo".

Este pequeno quadro das actividades da nossa Comissão incita-nos a pensar que todas as possibilidades de actuação devem ser aproveitadas
(cont. pág. 7)